

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 3 Setembro – Dezembro 2021
Edição Especial: Tecnologias Percíveis

EDITORIAL

O volume 34, número 3, referente aos meses de setembro a dezembro de 2021, da Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) é composto por um dossiê e pelo resumo de uma tese de doutorado, somando-se 16 trabalhos inéditos. O volume especial *Perspectivas arqueológicas e etnográficas sobre tecnologias percíveis: uma introdução*, organizado por Igor M. Mariano Rodrigues, Rodrigo Lessa Costa e Fabíola Andréa Silva, compila trabalhos que resultaram de discussões de alto nível realizadas em eventos científicos da área de arqueologia em âmbito nacional e internacional, especialmente nos congressos da própria SAB. Embora seja um dossiê composto predominantemente por profissionais da área de arqueologia, o tema da percibilidade, por excelência, forçosamente deriva das discussões em favor da convergência e interface da arqueologia com outras áreas do conhecimento como a antropologia, estudos de religiosidade e botânica.

O tema deste volume dialoga com outras áreas do conhecimento, porque a percibilidade das coisas coloca a disciplina de arqueologia, tradicionalmente reconhecida pelo estudo da materialidade, numa berlinda conceitual – a materialidade finita ou a imaterialidade da finitude. As coisas perecem, apodrecem, desintegram-se, perdem-se, desaparecem, morrem; considerando isso, como lidar com a perda, com a finitude das coisas materiais que supostamente são carregadas de ideias? Como lidar com a suposta falência da estrutura material e da ideia? Como suplantar essas dicotomias entre permanência e impermanência, conservação e percibilidade, vida e morte, materialidade e ideia? Como entender as tecnologias e a cultura material como vetores findouros de estruturas de pensamento, cosmologias e visões de mundo de populações do passado? Como compreender esses passados impermanentes no contexto contemporâneo? Como se imbricam diferentes temporalidades na permeabilidade temporal das coisas enquanto ideias e matéria transformada?

Uma coisa é certa: as coisas têm tempos de permanência, tempos esses determinados não apenas pelo passar dos anos, mas também pelas condições químicas e físicas em que as coisas estão inseridas, algo já percebido pela arqueologia dos anos 1960 e levado muito a sério como fator de análise do registro arqueológico. Se a finitude das coisas é condicionada pelo tempo e pelas condições, também é correto afirmar que as coisas têm sua vida social e agenciam a vida humana – se são condicionadas, também condicionam, agem sobre. Nascer, viver e morrer ao longo de tempos distintos. São mobilizadas e remobilizadas pelas distintas culturas com diferentes finalidades, se fazem (e são feitos) entes sociais nos diferentes tempos e se configuram na inter-relação. A morte das coisas pode ser (nem sempre é) o porvir de novas ideias, transformações e novas estruturas de pensamento – podem ser o ressurgimento de novas coisas.

Portanto, a vida social das coisas engloba também diferentes formas de ser nos mundos em que ocorrem as inter-relações com outros entes não materiais e com entes materiais de outras categorias.

Enfim, diferentes tempos, estruturas de pensamento, cosmologias, ideias, materialidades e imaterialidades parecem ser temas bastante envolventes, que fazem com que a arqueologia tangencie outros campos do conhecimento, acesse outras chaves de leitura e retorne ao centro da disciplina não para consolidar conceitos tradicionais, mas para, eventualmente, perguntar: qual o objeto da Arqueologia? E, com isso, desconstruir muito mais do que construir. Eis algumas questões basilares tocadas nos textos que compõem este dossiê. Questões que incomodam no bom sentido, bora ler?

**Fernanda Codevilla Soares
Luis Cláudio Pereira Symanski
Rafael Guedes Milheira**